



***Ponto de Vista***  
***Point of View***

**(INTER)RELAÇÕES E (INTER)AÇÕES NA PRAÇA DE ESPORTE  
DE MOSSORÓ: UMA FOTO-ETNOGRAFIA DA VIDA COTIDIANA  
CITADINA...**

*(INTER)RELATIONS AND (INTER)ACTIONS IN THE SPORTS COURT OF MOSSORÓ:  
A PHOTO-ETHNOGRAPHY OF EVERYDAY CITY LIFE...*

Francesca Katiuscia de Albuquerque Vasconcelos<sup>1</sup>  
Luiz Antônio Gomes Lopes<sup>2</sup>  
Luan Gomes dos Santos de Oliveira<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Bacharela em Direito. Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho. Especialista em Direito Processual Civil. Membro da Internacional dos Fóruns (IF) e do Fórum do Campo Lacaniano Rede Diagonal do Brasil (FCLRDB). Em Formação para a prática Psicanalítica. Mestranda em Ciências Sociais e Humanas na UERN - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Pesquisadora nas áreas da Sociologia, Antropologia Social e Psicanálise. Servidora Pública Federal do Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região. E-mail: [pesq.francescavasconcelos@gmail.com](mailto:pesq.francescavasconcelos@gmail.com).

<sup>2</sup> Bacharel em Direito. Especialista em Ciências Penais. Especialista em Segurança Pública e Cidadania. Mestrando em Ciências Sociais e Humanas pela UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Advogado inscrito na OAB-RN. E-mail: [lulalopes02@gmail.com](mailto:lulalopes02@gmail.com).

<sup>3</sup> Antropólogo (UFRN). Docente da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACIS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente e Doutor em Educação, ambos pela UFRN. Docente do Mestrado em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/ UERN). Coordena o Grupo de Pesquisa sobre Ecologia Política, Educação e Saúde (Ecos/CNPq). Email: [luan.gomes@professor.ufcg.edu.br](mailto:luan.gomes@professor.ufcg.edu.br)

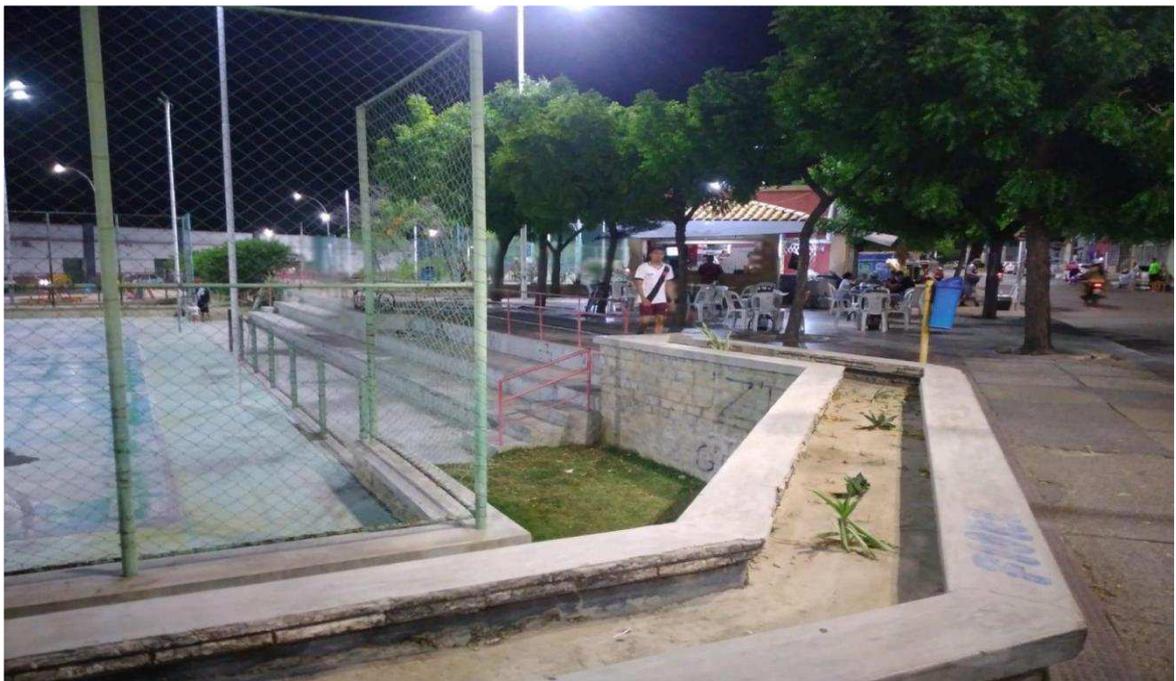
**CORPOS NA PRAÇA – SOCIABILIDADES POÉTICAS NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN**



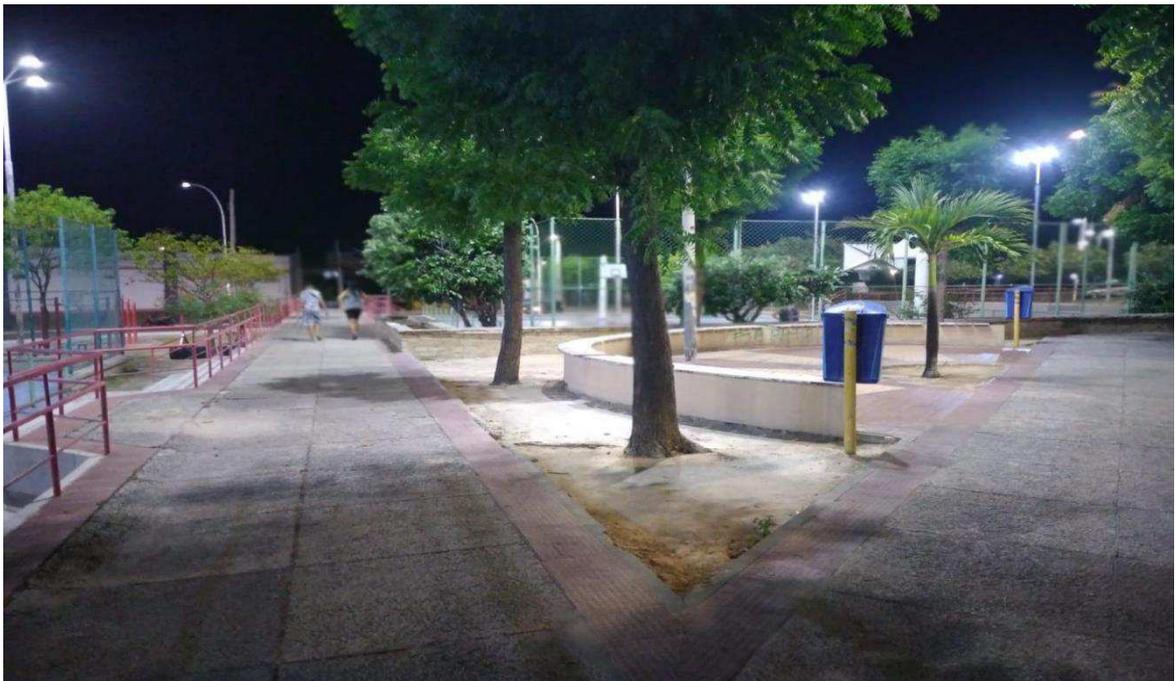












***Sobre...***

Neste período, de abril a outubro de 2022, estamos ainda na pandemia, e contraí a COVID-19 em meados de junho deste ano (2022), havia casos de mortes sendo registrados aqui no Estado, e no mundo também, embora os casos registrados sejam em bem menor número do que no período precedente. Neste momento em que escrevemos, final de outubro de 2022, considero que continuamos em pandemia, ainda há orientação para o uso de máscaras, para a vacinação, sendo detectados novos sintomas da COVID-19, bem como novas cepas (que tendem a fugir da imunidade vacinal), entre outros.

Em março de 2020, quando foi declarada a pandemia a nível mundial, eu e meu marido havíamos acabado de nos mudar para Manaus-AM. Chegamos naquela cidade em 22 de dezembro de 2019, poucos meses depois, estávamos nós dois, longe de todos os familiares, vivendo em uma região onde os efeitos do vírus e da pandemia, aqui no Brasil, foram os mais devastadores. No entanto, reconheço que estávamos em uma situação privilegiada frente a muitos outros seres humanos, eu como servidora pública federal e ele como bancário aposentado, em um prédio de classe média alta, com carro particular, e plano de saúde, eu trabalhando remotamente (on line). Registro meu entendimento de que todos nós passamos e ainda estamos vivendo um momento pandêmico, no entanto, nem todos atravessaram e/ou atravessam da mesma forma, do mesmo lugar, com os mesmos privilégios.

Já no meu caso, e por aqui já escreve Luiz, parceiro de escrita da estimada amiga, Katiúscia, vivi experiência diferente, angustiante e desoladora.

Minha esposa passou por uma gestação no auge da pandemia relacionada à Covid-19 (não tínhamos plano de saúde). Ela, Policial Civil, demorou a ter reconhecido o direito de trabalhar remotamente, mesmo que gestante. Quando o direito lhe foi assegurado, eu, que junto com meu pai e minha mãe tocávamos o negócio da família (uma lanchonete com 36 anos de existência), precisava sair e ficar exposto ao vírus. Por precaução e cautela acabamos por nos separar em nossa própria casa (no auge da nossa união), dormindo em quartos distintos. Usávamos, ainda, máscaras, no contato diário.

Não parou por aí... minha filha precisou nascer em um parto de urgência, fazendo ruir toda uma programação e uma idealização de parto normal. Devido às medidas sanitárias adotadas pela maternidade, não pude presenciar o nascimento da minha pequena. Passei horas de angústias para ter notícias do parto e do nascimento com vida da minha filha. Notícia essa que só chegou através da amizade de uma prima com a chefia da equipe de enfermagem.

Ainda na pandemia, perdi um tio muito querido, vítima da Covid-19, bem como, meu pai, passou 10 dias internado, com risco iminente de morte. Tínhamos que nos desdobrar entre sua internação e o “tocar do comércio” (que não poderia parar/fechar, pois era a única fonte de renda dos meus pais).

Esta pesquisa se deu dentro do período pandêmico, embora em um momento cujos efeitos da doença são menos desastrosos. Pontuo os efeitos da doença, pois os demais efeitos/consequências, tais como os psíquicos, os sociais e os econômicos perdurarão “a perder de vista”.

### ***Como...***

Retornei à cidade de Mossoró para cursar o mestrado em Ciências Sociais e Humanas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em março de 2022, e costumo passar toda a semana na cidade. Tenho como hábito caminhar no final da tarde. Quando estou em Mossoró caminho na praça de esporte<sup>4</sup>, e permaneço neste espaço após a caminhada, observando o movimento de pessoas, suas interações e as relações sociais que ali se estabelecem. Este foi um hábito que desenvolvi: observar o entorno, as pessoas, suas interações ou não, desde que passei a estudar antropologia social, por volta do ano de 2016.

Caminhando na praça, sentada nos bancos da praça, ou nos trailers de lanches, observando a movimentação, comecei a me interessar pelas diversas formas de interações sociais que passei a presenciar. Assim, iniciei observações participantes, que se deram entre abril e outubro de 2022, no período do final da tarde ao noturno, em diversos dias da semana, entre segunda a domingo.

O professor e amigo, Luan Gomes, convidou-me para fazer esta fotoetnografia para submissão a um Grupo de Trabalho, GT3: CIDADES, VIDA COTIDIANA E POVOS TRADICIONAIS: ESTUDO FOTO-ETNOGRÁFICOS, no II Seminário Discente PPGS/UFPB - Pós-graduação em tempos de recessão em João Pessoa, PB.

Eu convidei o amigo, Luiz Lopes, aluno do mesmo mestrado, para fazermos este trabalho em conjunto. Ele prontamente aceitou.

Todas as fotos são de autoria de Luiz Lopes, e foram feitas entre agosto e setembro de 2022. Em conjunto, Luan, Eu e Luiz, fizemos a observação e o presente relato etnográfico.

### ***Onde...***

A princípio observamos que a depender do dia da semana e do horário, os diversos espaços da praça são preenchidos por pessoas de faixa etária e de classe sociais diferentes, e ainda, as interações sociais se dão de formas diversas.

Os espaços na praça, em que praticamente não há mudança de público, são os espaços para jogos, existindo quatro quadras. Frequentemente estes espaços estão ocupados por pessoas jogando, e ainda, outras pessoas sentadas em bancos de alvenaria, ou na escadaria, para assistirem os jogos intermediando com celulares, papos e paqueras.

Frequentemente os jogadores e espectadores são homens, entre jovens e adultos. Durante estes meses de observação, pouquíssimas vezes vimos mulheres jogando, talvez tenhamos visto, duas vezes, apenas. Quando as vimos, estavam jogando futebol de salão. Assistindo aos jogos, existem mulheres, mas em menor número do que o de homens.

Este ponto, e em outros mais que serão mencionados, demonstra-nos que em nossa cultura existem espaços e papéis a serem ocupados pelas mulheres, e pelos homens, e que ultrapassarmos essa lógica e estabelecermos outros pactos civilizatórios demanda a máxima urgência.

---

<sup>4</sup> Localizada no Corredor Cultural de Mossoró, uma área cultural ao longo da Avenida Rio Branco e ruas adjacentes. Foi inaugurada em maio de 2008. Possui quatro quadras, uma de vôlei, uma de futsal, uma de tênis e uma de basquete, calçadas para caminhada e cooper, espaços para exercícios físicos, e diversas lanchonetes e bares.

Nos espaços para caminhada, que são as laterais da praça, a calçada, existem pessoas caminhando, geralmente muitas pessoas com idades diversas, mulheres e homens, algumas crianças, adolescentes, idosos, no entanto, em número mais expressivo são os jovens e adultos. Nestes espaços existe uma maior quantidade de mulheres frente ao de espectadores nos jogos. Em toda a lateral da praça há bancadas de alvenaria para sentar, e sempre existem pessoas sentadas, sozinhas, acompanhadas, e de diversas idades.

Nos espaços para lanches, os trailers, carrinhos, carros, bares, são diversos o público, geralmente existem pessoas sentadas, lanchando, bebendo, conversando, ou em seus celulares, observando o movimento, aguardando alguém, etc. São diversas as situações.

Em toda a lateral da praça, ou em seu entorno, há espaços para estacionar. Nestes espaços ficam os carros, motos, alguns trailers e veículos para lanches. Há uma quantidade considerável de carros populares, motos, mas também há carros mais caros, carros de luxo.

Ao lado da praça, sentido centro da cidade, há um espaço, uma espaçosa área, onde ficam as crianças brincando, andando de bicicleta, de patins, patinetes. Elas estão acompanhadas por seus cuidadores, sejam seguindo os passos da criança, sejam sentados ou em pé em lugares estratégicos a observá-las, e vez ou outra, desviando seus olhares delas (crianças) para seus celulares. Ao redor de todo este espaço existem trailers, barracas, carrinhos para lanche, e algumas outras barracas para venda de diversos tipos de mercadorias, como, chapéus, bandeiras, fogos de São João, fantasias, entre outros. As mercadorias variam a depender da época do ano. Este ano, já que também é ano de Eleições e Copa do Mundo, desde o São João estão fincadas lá.

Algumas vezes fomos caminhar na lateral da praça, nos misturando aos demais caminhantes. Alguns faziam pequenas corridas (cooper), outros caminhavam rapidamente ao som de seus fones de ouvido, alheios aos demais com quem "compartilhavam" o espaço da calçada. Outros estavam em dupla, tripla, ou mais, e caminhavam conversando, rindo, olhando para os demais. Alguns outros caminhavam como se estivessem em um passeio, observando seu entorno, e nós nos assemelhávamos a estes.

Umás vezes ficamos sentados nos bancos de alvenaria, em vários pontos da praça, olhando para o movimento do lugar, as pessoas caminhando, correndo, alguns com seus animais de estimação, outros com companheiros, com crianças, com idosos. Alguém estacionando ali, outro aqui. Alguns de bicicleta subiam a calçada e estacionavam próximo às quadras, ficavam observando os jogos, o movimento, sentados nas suas bicicletas.

Outras vezes sentávamos nas mesas das barracas, ou trailers, ou ficávamos em pé, ao lado do carrinho de pipoca ou de balas, para observarmos o movimento e consumirmos as guloseimas. Algumas vezes mantínhamo-nos conversas "despretensiosas" com as pessoas encarregadas desses estabelecimentos.

Observando toda esta movimentação, estas interações e interrelações, demo-nos conta de uma "atmosfera" diversa, um espaço para além do lugar e do tempo. É como se as pessoas saíssem desta lógica do aqui e agora, ou seja, elas estavam imersas em uma "dimensão", em um imaginário, que a despeito da estrutura física e do momento, elas se movimentavam e interagiam alheias a tudo isto.

É o que Crapanzano (2005a) coloca em relação à cena, que a cena não apenas se constitui daquilo objetivamente observado, mas também daquilo subjetivamente (ou intersubjetivamente) vivenciado.

Ele (Crapanzano) diz se interessar pelas vias que a irrealidade material se imprime na realidade material, e o porquê da realidade instigar a irrealidade. Em suas palavras:

Nossas imagens, sonhos, projeções, cálculos e profecias podem dar forma e substância ao além, mas, ao fazê-lo, destroem-no; pois, enquanto o constroem, garantem seu deslocamento. E esse deslocamento abala nossas premissas acerca da realidade, base sobre a qual nossas construções são feitas. Embora fundacional, não está imune a nossas imagens do além. (Crapanzano, 2005b, p. 365).

Essa neutralidade, ou essa dissociação das categorias de tempo e espaço, tem uma característica ambígua e indeterminada: é o não ser e ser ao mesmo tempo, é o não estar naquele lugar e estar no lugar; é o não estar naquele momento e estar no momento.

Seria o que Turner define como liminaridade:

São necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá, estão no meio, e entre as posições atribuídas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial (Turner, 2013, p. 117).

Observamos que essa liminaridade dava uma característica comum a todo o grupo, formado pelas pessoas que caminhavam, que corriam, que jogavam, que assistiam jogos, que estavam sentadas a observar, uma vez que eles estavam como que transportados a uma outra dimensão, dissociados do tempo e do lugar. A *Communitas* é entendida por Turner (2013) como o momento situado fora e dentro do tempo, fora e dentro da estrutura social profana, um vínculo social que deixou de existir, mas tem que ser fragmentado em uma série de laços estruturais. Em suas palavras: *“Uma comunidade, ou mesmo comunhão de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais”*, que no presente caso seria a entrega a esta vivência, estas interações sociais.

Esses laços estruturais, no caso a dissociação do tempo e do espaço pelo grupo, fragmentos do vínculo social, que provêm da liminaridade, e definidores da *Communitas*, talvez sejam melhor compreendidos como uma situação interestrutural, isso com base em Turner (2005) para quem a liminaridade fica entre as “estruturas de posições” definidas por nossa sociedade. Ele assim define (2005, p. 141): *“A liminaridade pode, talvez, ser encarada como o não a todas as asserções estruturais positivas, mas sendo, de certa forma, a fonte de todas elas, e, mais que isso, como reino de pura possibilidade do qual novas configurações de ideias e relações podem surgir”*.

Assim, a impressão que tivemos é que o grupo, formado por todas as pessoas que compartilham a vivência nesta praça, no momento em que estão imersas nesta vivência social, mantém este laço estrutural, definido por Turner como liminaridade, algo que é indefinido, no caso, a dissociação do espaço e do tempo; que o caracteriza como uma *Communitas*, que é um grupo que está fora e dentro da estrutura social, ou seja, na

interestrutura, nestes espaços entre a estrutura social. E o que quer dizer na prática tudo isto? Ora, aqui, neste momento, nós não somos os médicos, advogados, comerciantes, comerciários, estudantes, professores, pai, mãe, filho, etc. Assumimos outros papéis, nos desidentificamos momentaneamente de outros.

Nestas ocasiões, deparamo-nos por diversas vezes com cenas comuns, outras nem tanto.

Há bastante movimento de pessoas e de seus animais na praça, e em seu entorno, de veículos. Muitos sons diferentes, de música, de conversas, de risos, de gritos provenientes das quadras de jogos, de palavrões. Um carro aqui passa anunciando uma promoção em um determinado bar. Ali, um homem em uma bicicleta com grande pneu dianteiro, bicicleta de espetáculo de circo, anuncia em voz alta a próxima atração do circo ao lado. Ali ao lado, no trailer “Maria Bunita”, alguém anuncia no microfone que a tapiquinha está pronta. Aqui, ao nosso lado, um casal homossexual jurando amor eterno, entre cochichos e beijos ao pé da orelha. Logo mais, passa um grupo de moças, com idade entre 13 e 16 anos, rindo e olhando para trás, cochichando umas com as outras. Olhamos mais para frente e vimos um casal atravessando a rua em direção a praça; ele nitidamente mais velho que ela; ela estava reclamando, já que percebemos pela expressão facial e gestos nos braços. Conseguimos participar ainda de parte do caloroso embate, quando se aproximaram de nós. Ela diz: - você não compreende nada, faz vistas grossas, não vê... Não conseguimos mais ouvir, afastaram-se. Lá, uma bicicleta velha estacionada, uma jovem mulher negra, com roupas simples, aguardando algo ou alguém. Em seguida um rapaz sai de uma das quadras, um jovem homem branco e atlético, e vai em sua direção disfarçadamente, sempre olhando em outra direção, como se fosse atravessar a rua, e ao se aproximar da bicicleta, olhando para outro lado, cochicha algo para ela. Ela, que também olhava em direção diversa da do rapaz, balança a cabeça, e vai saindo, quando flagrei um leve beijo na bochecha dela.

Esta última observação, que envolvia uma jovem mulher negra e um jovem homem branco, levou-nos a nos interrogar se seria um encontro clandestino. Se seria o fator desta mulher ser negra e pobre a razão para esse encontro disfarçado. Não teremos condições, neste trabalho, em aprofundar neste tema, mas não iremos perder a oportunidade de fazer uma leve pontuação.

Lélia Gonzalez (2020) defende a posição de que no imaginário de nossa sociedade o corpo da mulher negra é um corpo para o trabalho, ou um corpo para o cuidado, ou um corpo do prazer. Assim, para ela, os trabalhos reservados à mulher negra são os domésticos, na casa de famílias da classe média e alta; ou em prestação de serviços de baixa remuneração, nos supermercados, escolas, hospitais, como “serventes”; ou ainda, como mulatas, ou seja, como objeto sexual para o homem branco, classe média-alta, meia idade e europeu.

Nas palavras de Lélia Gonzalez:

De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho”. Atualmente, o significante mulata não nos remete apenas ao significado tradicionalmente aceito (filha de mestiça de preto/a com branca/o), mas a um outro, mais moderno: “produto de exportação”. A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição

de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. Sem se perceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais mas como provas concretas da “democracia racial” brasileira; afinal, são tão bonitas e tão admiradas! Não se apercebem de que constituem uma nova interpretação do velho ditado racista “Preta pra cozinhar, mulata pra fornicar e branca pra casar” (Gonzalez, 2020, p. 59).

As lanchonetes da praça, que são dois prédios na própria praça, estão sempre cheias de clientes. Percebemos que em uma das lanchonetes se serve sopa, e parece ser a atração. Várias pessoas passam por lá para saborear a sopa e vimos diversas pessoas com farda do trabalho. Na segunda lanchonete, que tem um som alto de música, sempre vimos pessoas bebendo. Homens mais velhos e sozinhos geralmente, olhando para as pessoas que caminham ao lado, alguns em busca de mulheres, outros de rapazes.

Em um outro momento, percebemos três pessoas caminhando, com dois cachorros enormes. Eles iam em nossa frente, o tamanho dos cachorros havia chamado nossa atenção, ao nos aproximarmos deles percebemos que dois deles eram não-binários, ou seja, não correspondiam a um gênero específico, homem ou mulher.

Nestes últimos dois pontos abordamos duas questões: a da sexualidade, que está ligado ao desejo sexual, a atração sexual; e a de gênero, que é socialmente/culturalmente construído. São duas questões importantíssimas e devem ser conversadas e debatidas, uma vez que estamos em um momento de profundo desrespeito à diversidade, aos direitos humanos universais. Não teremos, mais uma vez, condições de aprofundar no tema, uma vez que não é o escopo deste trabalho, e o tempo não nos permite. Quem sabe será o mote de uma nova pesquisa.

Um outro ponto que observamos foi que os carros tidos como mais caros, o que nos levou a inferir que pessoas de classe alta também frequentavam o lugar, ficavam estacionados na praça enquanto havia jogos, dentro do horário entre às 18h e às 20h30; após este horário, em que o movimento se dava na calçada, ou nos bancos da praça, ou nos espaços para lanche e bebidas, não era este o público a permanecer na praça.

As interações sociais, como dito anteriormente, variam conforme os dias da semana e os horários. Durante a semana, de segunda a quinta-feira, percebemos que as quadras ficavam lotadas, as lanchonetes e bares com número reduzido de frequentadores. E nestes dias, conforme vai adentrando a noite, o movimento da praça vai diminuindo. Às sextas-feiras, praticamente não havia jogos, e os espaços para caminhar, comer e beber ficavam com poucas pessoas também. Aos sábados havia jogos mais cedo da noite, e após, diminuía o público nos demais espaços, mas as lanchonetes e bares mantinham certo fluxo de pessoas.

Aos domingos há uma mudança considerável em vários aspectos. Parte da Av. Rio Branco, a partir da praça de esporte até o Teatro Municipal, fica fechada para o tráfego de veículos. Ficando todo este espaço para caminhada, cooper e para ciclistas. No espaço ao lado da praça, sentido centro, fica lotado de pessoas fazendo exercícios e dançando, orientados por professores de educação física e dançarinos que fazem parte de um projeto da Prefeitura Municipal intitulado “Vida na Praça”. Pessoas ficam nas calçadas de suas casas, sentadas nas cadeiras, observando o movimento. Vemos mais mulheres acompanhando crianças e idosos nestes dias. O número de pessoas aumenta: homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos. Observamos, pelos carros estacionados nas

ruas próximas, que há mais pessoas da classe média e alta nestes dias. Sendo essa mais uma diferença que encontramos em relação aos demais dias da semana.

Estas foram as interações sociais que percebemos na praça de esporte de Mossoró, neste período observado.

### ***Um leitor de experiências e perambulações – um exercício de imaginação da imaginação***

A vida de um *flaneur* é realizada de encontros e desencontros, materializados na imaginação poética que traça caminhos imaginários, fios que compõem um nível tênue da realidade tecida pelos pés de um viajante que no espaço-tempo da cidade de Mossoró/RN construiu um de seus ninhos para poetizar.

Os relatos poéticos acima escritos atravessam-me a memória afetiva e geram no meu caminhar a procura de outros. Exercitar a imaginação da imaginação sobre os relatos é circunscrever-me numa atmosfera imagética que me envolve de passado-presente-futuro. Essa experiência assume que “o olhar e a meditação seguem linhas de força que vêm do passado, do presente, do possível e que se reúnem no observador, que por sua vez é centro e periferia” (Lefebvre, 2021, p. 95).

Então traçarei dois caminhos imaginários sobre as praças em Mossoró, o primeiro enquanto estudante de graduação em 2008 na UERN e o segundo, enquanto professor do PPGCISH/UERN. Na base desses dois caminhos está um terceiro caminho – a praça enquanto arte de suspirar, de reimaginar mundos idos e vindouros, desde a poética bachelardiana.

Caminhar, suspirar, escutar rumo às águas das memórias plantadas na infância, espaço poético do oco do mundo (Oliveira, 2020), que se abre para gerar uma antropológica da cidade das praças. Desde a graduação na UERN, em 2008, fiz a descoberta do desejo de perambular pelas ruas de Mossoró/RN. Nas ruas, as praças se tornavam um lugar de parada obrigatória, de descanso, de um solilóquio na presença dos movimentos do olhar e do corpo inteiro. Ao sentar nas praças ficava a sonhar de olhos abertos, na ânsia de um alvorecer, plantado no caminhar, mobilizado por um olhar de esperança. Depois de sentar nas praças, descansar os pés, dirigia-me a observar as interações dos sujeitos que brincavam, rezavam, se olhavam, a fim de aliviar o cansaço da vida cotidiana.

As praças são espaços em movimento, ou melhor, lugares que movimentam a imaginação de um viajante. Assim, fiz das praças meu lugar de partida para diversas viagens. Da Uern caminhava até às praças, das praças a mundos sonhados no compasso da imaginação e do caminhar de pés que teciam histórias. A pandemia, em 2020-2021, me permitiu um isolamento que me fez sonhar com o movimento das praças. Ah! Se eu pudesse ir às praças, significadas nas vidas dos sujeitos perambulantes.

Mesmo fora de Mossoró/RN por um determinado tempo, estava dentro de Mossoró por meio das imaginações de sujeitos que me guiam a sabedoria. Outro desejo foi ativado pela poética da cidade, um retorno à Uern para colaborar com o PPGCISH, com o Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (Gecom). Esse movimento de retorno, motivou-me mais uma vez ir à praça, atualizar a potência do *flaneur* que me constitui, pois sou feito de caminhadas.

### ***Ao final...***

Ao nos aproximarmos do final desta escrita, temos a impressão de que a vida é um grande palco de teatro. Talvez alguém já tenha dito isto antes, onde cada um de nós desempenha diversos papéis, a depender da conveniência, dos interesses envolvidos. Muitas vezes, ou quase sempre, não temos a percepção de qual papel estamos a desempenhar no momento, e nos identificamos com este papel, imaginamos ser o personagem, e quando a peça encerra, quando as cortinas fecham, nos agarramos as máscaras, como se fossemos um só, eu e a máscara, eu e o papel, eu e a personagem.

Seriam as *dramatis personae*, tal como entendida por Geertz (1996), que são a substância, a “essência”, o que tem vida, são as personagens do drama, não o ator propriamente dito. Em suas palavras (1996 p. 95): “*As máscaras que usam, no entanto, o lugar que ocupam no palco, os papéis que desempenham, e, ainda mais importante, o espetáculo que montam juntos permanecem e compreendem não a fachada, mas sim as substâncias das coisas, inclusive a do eu*”.

A impressão que tivemos nesta observação na praça, que não é diferente da impressão que tivemos ao final de outras observações, é que nos confundimos com nossos papéis sociais, e passamos a vida inteira tentando sustentar estes lugares os lugares que nos disseram ser os “certos”, os “verdadeiros”; tentando sustentar aquilo que nos disseram que somos, que desejamos, que queremos. Isto se assemelha ao que Geertz (1996) diz, que para os balineses o atuar no mundo não é um faz de conta, o que importa é o que foi atuado e não quem atuou.

*Que venham as próximas peças, os próximos papéis...*

### **REFERÊNCIAS**

- Crapanzano, V. (2005a). *A cena: lançando sombra sobre o real*. Mana [online], vol.11, n.2, pp. 357-383.
- Crapanzano, V. (2005b). Horizontes imaginativos e o aquém e além. *Rev. Antropol.[online]*. vol. 48, n. 1, pp. 363-384.
- Geertz, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1996. pp. 85-107.
- Gonzalez, L. (2020). “A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica”. In: Rios, F.; Lima, M. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 49-64.
- Lefebvre, H. (2021). *Elementos de ritmanálise: e outros ensaios sobre temporalidades*. Traduzido por Flávia Martins, Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência Editora.
- Oliveira, L. G. dos S. (2020). *Notícias do Oco do mundo: Cartas para uma antropolítica da educação*. Rio Grande do Norte: Caravela.
- Turner, V. (2013). *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.
- Turner, V. (2005). *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF.

## **Cronologia do Processo Editorial**

*Editorial Process Chronology*

Recebido em: 08/01/2023

Aprovado em: 21/01/2023

Received in: January 08, 2023

Approved in: January 21, 2023